

História das ginásticas em Goiás (1866-1916)*

History of gymnastics in Goiás (1866-1916)

Cleber Dias**

Resumo

Este trabalho analisa a história das ginásticas em Goiás entre 1866 e 1916, período que corresponde às primeiras iniciativas de organização dessa prática na região, sendo as três primeiras e principais instâncias responsáveis por esse processo: a Imprensa, a Companhia de Aprendizes Militares e as companhias circenses e teatrais. Além disso, secundariamente, as tentativas de inclusão da ginástica no Instituto Episcopal ou a existência de livros sobre esse assunto na biblioteca pública da região também são consideradas. Dessa maneira, este artigo procura compreender a variabilidade de significados possíveis das ginásticas, considerando não apenas os aspectos higiênicos, racionais e utilitaristas dessas práticas, mais enfatizados na historiografia sobre o assunto, como também seus aspectos lúdicos e festivos. Busca-se ainda uma articulação com problemas da história regional, particularmente o modo como Goiás é tradicionalmente representado, isto é, um lugar atrasado, isolado e decadente. Nesse sentido, a articulação das apresentações de ginástica com outros mecanismos de comercialização de diversões problematizam esses modos de representação.

Palavras-chave: História. Ginástica. Goiás.

Abstract

This article analyzes the history of gymnastics in Goiás between 1866 and 1916, a period that corresponds to the first initiatives of the organization of this practice in the region, with the press, the Company of Military Learners and circus and theatrical companies being the first three main institutions responsible by this process. Also, secondarily, attempts to include gymnastics in the Episcopal Institute or the existence of books on this subject in the public library in the region are also considered. Thus, this article tried to understand the variability of possible meanings of gymnastics, considering not only the hygienic, rational and utilitarian aspects of these practices,

*Esta pesquisa contou com o apoio do CNPq.

** Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cleberdiasufmg@gmail.com

more emphasized in the historiography on the subject, but also its playful and festive aspects. We also search an articulation with the problems of regional history, particularly the way Goiás is traditionally represented, i.e., a delayed, isolated and decaying place. In this sense, the articulation of gymnastics presentations with other entertainment marketing tools problematize these representation modes.

Keywords: History. Gymnastic. Goiás.

Introdução

A historiografia sobre o corpo, crescente nos últimos anos, tem enfatizado, em particular, o desenvolvimento da ginástica como resultado de esforços para a disseminação de um novo código de comportamentos, ligados às noções de ordem, hierarquia, saúde, eficiência e racionalidade.¹ De fato, essas dimensões estiveram fortemente presentes no universo da ginástica no século XIX, quando a prática se dissemina paulatinamente. Mais que isso, ao longo dos anos, foram estes aspectos que acabaram por se impor, tanto simbólica quanto materialmente, tornando-se, assim, um padrão hegemônico para a percepção e também para a prática dessa atividade.

Curiosamente, porém, a ênfase historiográfica sobre essa ginástica racional e metódica talvez seja um dos aspectos que mais tenha concorrido para o estabelecimento desse modo particular de ver. Ao tomarem como objeto de investigação privilegiado a ginástica que se tornou mais legítima ao longo dos anos, abordagens historiográficas acabaram sucumbindo a uma narrativa tornada oficial, desconsiderando a diversidade, e mesmo os conflitos de significado que cercavam essa prática no contexto original em que elas se manifestavam. Pois ao longo de quase todo século XIX, apesar da inegável força que os componentes higiênicos se anunciavam nesse universo, havia também um forte componente lúdico, circense, mais especificamente,

¹ Para um panorama sobre a historiografia do corpo, ver DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011. Sobre a historiografia brasileira sobre a ginástica, especificamente, ver GOIS JÚNIOR, E.; BATISTA, J. C. F. A introdução da gymnastica na Escola Normal de São Paulo (1890-1908). *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 71-87, jul./set. 2010; SOARES, C. L. *Educação física: Raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. Para uma síntese da ginástica no contexto europeu, ver VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: _____. (Org.). *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 303-400; VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado – ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, A. (Org.). *História do corpo: Da revolução à grande guerra*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 393-478.

inscrito na órbita das diversões e em larga medida contrário aos ideais de controle e normatização prescritos por médicos, pedagogos e moralistas. Além do seu caráter eugênico ou militar geralmente articulados, também havia na ginástica um aspecto festivo, de entretenimento. Esta dimensão ligada aos lazeres, as sociabilidades públicas, em suma, exhibe as complexidades no enquadramento normativo dos usos sociais do corpo.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a história das ginásticas em Goiás sob uma chave interpretativa que não a confine apenas ao paradigma higiênico, racional e utilitarista. Sem desconsiderar essa dimensão, o horizonte deste trabalho tenta também transcendê-lo ao buscar incorporar outros aspectos que não apenas este, em conformidade ao que têm apontado pesquisas mais recentes, destacando, justamente, a relevância das articulações das instâncias lúdicas e associativas para o desenvolvimento da ginástica no século XIX.²

Ao abordar essa história de um ponto de vista regional, este trabalho também pretende concorrer para uma melhor compreensão da circulação das práticas e dos discursos sobre as ginásticas em diferentes partes do Brasil. Esta é outra forma de compreender a variabilidade de significados possíveis dessas práticas, uma vez que as circunstâncias históricas responsáveis por explicar o desenvolvimento desta e de outras técnicas corporais, não necessariamente estarão presentes nos mesmos termos e da mesma forma em todas as regiões do Brasil. Em Goiás, especificamente, foram três as primeiras e principais instâncias responsáveis por organizar práticas ou mobilizar discursos relacionados à ginástica a partir do quartel final do século XIX: a imprensa, a Companhia de Aprendizes Militares e as companhias circenses e teatrais. Além disso, secundariamente, tentativas de inclusão da ginástica no Instituto Episcopal ou a existência de livros sobre o assunto no Gabinete Literário Goiano, única biblioteca pública da região na época, também foram consideradas.

Ainda do ponto de vista dos problemas da história regional, este artigo também se articula, particularmente, às questões relativas ao modo de Goiás ser usualmente representado no imaginário social e na própria historiografia especializada, isto é, como uma região atrasada, isolada e

² Ver, por exemplo, QUITZAU, E. A. Different Clubs, Similar Purposes? Gymnastic and Sports in the German Colony of São Paulo / Brazil at the Turn of the Nineteenth Century. *International Journal of the History of Sport*, v. 30, n. 9, p. 963-975. 2013; PERES, F. F.; MELO, V. A. de. A introdução da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 471-493, abr./jun. 2014.

decadente.³ A frequência com que se organizavam espetáculos de teatro e circo, onde muitas vezes desenvolviam-se apresentações de ginástica, permite problematizar parte dos pressupostos dessas premissas.

Os principais acervos para este estudo foram os do Arquivo Histórico Estadual de Goiás, do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Museu das Bandeiras. Nos três primeiros, foram consultados basicamente jornais, enquanto no último foram consultadas documentações referentes a Companhia de Aprendizes Militares e ao Seminário Episcopal de Santa Cruz (também conhecido como Instituto Episcopal). A estas documentações, acrescentem-se os relatórios dos Presidentes da Província e dos Ministros dos Negócios da Guerra, disponíveis no acervo eletrônico do *The Center for Research Libraries*.

A análise destas documentações sugere que o período entre 1866 e 1916 corresponde aos momentos em que as primeiras iniciativas para organização de diferentes formas de ginástica se desenvolveram em Goiás. De um lado, 1866 marca o primeiro vestígio documental da presença de uma companhia circense que tinha na ginástica uma de suas atrações. De outro lado, 1916 é o ano imediatamente anterior a inclusão da ginástica nas escolas de Goiás. Desse momento em diante, a assimilação da ginástica como conteúdo de ensino formal por instituições educacionais, concorreria para o progressivo predomínio de significados atribuídos a esta prática mais radicados no âmbito moral e pedagógico, em detrimento da sua dimensão mais lúdica e festiva, que todavia não deixou de existir.⁴

Ginástica na imprensa

Jornais goianos parecem ter cumprido papel importante para a apresentação da ginástica em Goiás. Nessa época, ainda que timidamente, iniciava-se a publicação de textos tratando da importância de exercícios físicos

³ Para discussões sobre a imagem histórica de atraso e decadência de Goiás, ver CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: Da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2010; GARCIA, L. F. *Goyaz: Uma província do sertão*. Goiânia: Ed. da PUC-GO/Cânone, 2010; MAIA, J. M. E. *Governadores de ruínas: Os relatos de viagem de Couto Magalhães e Leite Moraes*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 40, p. 3-23, jul./dez. 2007; KARASCH, M. *The periphery of the periphery? Vila Boa de Goiás, 1780-1835*. In: DANIELS, C.; KENNEDY, M. V. (Eds.). *Negotiated Empires: Centers and Peripheries in the Americas, 1500-1820*. Nova York: Routledge, 2002. p. 143-170; VIDAL, L. *Sob a máscara do colonial. Nascimento de "decadência" de uma vila no Brasil moderno: Vila Boa de Goiás no século XVIII*. *História*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 243-288. 2009.

⁴ Para o desenvolvimento da ginástica em Goiás no período posterior a 1916, ver DIAS, C. *Momentos iniciais da educação física em Goiás (1917-1929)*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 95-111, jan./mar. 2014.

para a educação de crianças e jovens, ou para o fomento da saúde e higiene, o que pode ter favorecido a criação de uma espécie de consenso a respeito do valor dessas práticas – entre alguns setores da elite pelo menos.

Em abril de 1878, o jornal *Correio Oficial* publicou um relatório do Instituto dos Surdos Mudos do Rio de Janeiro, assinado por seu diretor, Tobias R. Leite, em que se destacava a importância dos banhos frios e da ginástica como recursos relevantes para a educação física e a manutenção de um bom estado sanitário em estabelecimentos de ensino, especialmente os internatos. Segundo este diretor, graças à aplicação de um determinado conjunto de procedimentos, os surdos-mudos, que teriam chegado ao Instituto “anêmicos e caquetícos”, se tornaram “robustos e fortes”. Os exercícios de ginástica eram apontados como um dos principais responsáveis por essa transformação. Como recomendação, portanto, Tobias Leite indicava exercícios desse tipo todos os dias, mais precisamente, “na hora que precede à de tomar o leito”.⁵

Em outubro de 1879, o mesmo jornal publicara um artigo de J. Barbalho Uchôa, inspetor-geral de Instrução Pública de Pernambuco, que havia participado pouco antes de uma comissão responsável por estudar os sistemas de ensino e a organização pedagógica das escolas da Corte e de São Paulo, a fim de apresentá-los ao presidente daquela província. O diagnóstico de Barbalho Uchôa começa destacando que “o canto e os exercícios ginásticos somente por exceção encontram-se nas escolas”. Em seguida, afirma que sem tais práticas, “a educação é incompleta e manca”. Para ilustrar seu argumento, mobiliza exemplos dos Estados Unidos, Suíça, Alemanha e “demais países em que o ensino é bem regulado”. Por fim, como recomendação prática para a assimilação dessas práticas nas escolas brasileiras, Barbalho Uchôa sugere, mais especificamente, o canto, a marcha, “lições especiais de música”, “certos jogos ginásticos” e “exercícios calistênicos”. Segundo ele:

A tirania e a rotina [...] devem ceder o passo à disciplina moderna, que dá a escola uma atmosfera de vivacidade e alegria, em que as crianças respiram livremente; que dá atrativos aos exercícios; que faz do ensino quase um brinco; que torna a instituição querida e simpática aos meninos; que os instrui, divertindo-os. E a música e os jogos ginásticos, além das vantagens próprias, para isso contribuem de modo salutar e eficazíssimo.⁶

⁵ LEITE, T. R. Relatório Instituto dos Surdos-Mudos. *Correio Oficial*, Goyaz, 19 jun. 1878, n. 45. p. 2-4.

⁶ SEÇÃO geral. *Correio Oficial*, Goyaz, 13 out. 1879, n. 79, p. 4.

Na mesma época, o jornal *A Tribuna Livre* passou a vincular algumas orientações ligadas ao que se chamava “higiene prática”. Essas orientações diziam respeito a assuntos muito variados, desde alimentação, vestimentas, destinação de detritos, formas de contágio e prevenção de doenças, mecanismos fisiológicos diversos, até os cuidados necessários para venda e consumo de carne, peixe ou costeletas de carneiro. Numa delas, explicavam-se os mecanismos de funcionamento da nutrição, bem como os efeitos do exercício para o organismo.

Algumas das substâncias assimiladas se transformam em *gordura*; as outras em *músculos*; estas últimas, porém, também se transformam em gordura. O estado sedentário favorece a produção da gordura. O homem ativo assimila mais em músculos do que em gordura [...] *Tudo depende do exercício dos músculos* [...] A causa principal da gordura [...] é sempre a falta de exercício. É nestes mesmos princípios que se estriba a ciência da ginástica. É preciso dar trabalho aos músculos [...] Na Europa atualmente dão-se à ginástica, montar a cavalo, jogar armas, com o que desenvolve-se o sistema muscular. *Todos os exercícios corporais são úteis às crianças, mormente as que são linfáticas*. Ar puro, boa alimentação e ginástica. No Brasil consideram-se os banhos de chuva e de mar como a melhor cousa que há para a saúde; é uma verdadeira panaceia. Entretanto, a ginástica é muito superior aos banhos.⁷

Ao apropriar-se de um discurso médico que já enaltecia as virtudes do músculo, isto é, de uma vida mais repleta de movimentos, o cronista anônimo condena o sedentarismo, ao mesmo tempo em que eleva o valor da ginástica e dos exercícios ao ar livre, prescrevendo-os como úteis à saúde. Dessa época em diante, periódicos se tornariam agentes cada vez mais relevantes para divulgação de ideias como essas.

A partir de 1886, o jornal *O Publicador Goyano* começou a vincular artigos de um cronista de nome Sidney, assinados do Rio de Janeiro e tratando de notícias internacionais. Com o tempo, artigos de Sidney começaram a abordar assuntos mais diversos, tais como o papel da ginástica na educação militar, na promoção de hábitos higiênicos ou no melhoramento da “raça”. Como já havia se tornado comum nessa época, Sidney apelava para exemplos das “nações mais adiantadas”, notadamente França e Alemanha. Segundo ele, nesses países, questões relativas à educação militar constituíam “objeto de acurado estudo”. Em suas palavras:

Necessitando essas potências de aguerridos exércitos, seus defensores, não poupam esforços no que tende a aperfeiçoar a educação militar dos cidadãos,

⁷ HIGYENE Pratica. *A Tribuna Livre*, Goyaz, 29 out. 1881, n. 43. p. 2. [Grifos no original].

convertendo cada um deles, sem exceção, em um soldado aguerrido e valente [...] Para ter um bom exército elas, além de ter uma ótima organização militar, procuram acostumar desde logo as crianças às manobras militares, para cujo fim fizeram introduzir nos colégios os exercícios militares, como parte da ginástica.⁸

Além de advogar a ginástica como instrumento de formação militar, buscando inculcar em cada cidadão o espírito de um soldado, Sidney também destacava o valor dessa prática para o aprimoramento e o robustecimento da “raça”. Para ele, recorrendo, novamente, a comparações com França, Alemanha e Suíça, o Brasil era um dos países que menos cuidava de suas condições higiênicas. Aos seus olhos, tudo no Brasil denunciava a necessidade de uma urgente reforma: as habitações, o clima, a composição étnica do povo, mas sobretudo os costumes. Segundo ele, “é nos costumes principalmente que se deve fazer modificações que exigem o nosso bem-estar e a conversão de nossa saúde”.⁹ Nesse sentido, a educação física parecia-lhe um dos ramos mais importantes da higiene escolar, especialmente pela costureira contraposição que se fazia entre o cultivo do físico e o do intelecto. Sidney, nesse sentido, criticava duramente a ausência dos exercícios físicos nas escolas, bem como a ênfase exagerada, segundo sua percepção, de uma educação passiva e sedentária.

Uma mocidade quase na maior parte anêmica e doentia é atropelada pelo demorado estúdio ao estudo obrigatório, onde os programas são péssimos; e as horas de recreio, insuficientes, são aplicadas, não a um exercício capaz de exercitar o organismo, provocar a franca circulação sanguínea, enfim, robustecer o corpo do aluno – mas em conferências ou colóquios com os colegas, colóquios esses, donde nascem o vício e a madraçaria [...] O que nós queremos é o que quer a higiene: *mens sana in corpore sano* [...] É preciso que se adote como um costume a educação física, não só nas escolas e colégios, mas nos lares das famílias [...] Os pedagogos particulares e o governo devem propagar e instituir um bom regime de educação física: pela ginástica.¹⁰

Aparentemente motivado apenas com o cuidado com o corpo para a promoção de hábitos mais saudáveis, as ideias de Sidney, como outras de seus contemporâneos, acabavam tecendo uma complexa rede de relações. Nessa retórica, em conformidade com uma tradição médica luso-brasileira que remonta aos finais do século XVIII, fortalecer o corpo era também uma

⁸ SIDNEY. Militarismo. *O Publicador Goyano*, Goyaz, 13 ago. 1887, n. 129. p. 1.

⁹ SIDNEY. op. cit., p. 1.

¹⁰ Id. Higiene, educação physica. *O Publicador Goyano*, Goyaz, 31 dez. 1887, n. 149. p. 1.

forma de fortalecer a moral e o caráter.¹¹ Soma-se a isto um crescente recrudescimento de preocupações eugênicas sobre o vigor físico do brasileiro, notáveis, sobretudo, após o término da Guerra do Paraguai. Era precisamente nesse ambiente cultural que se realizava a publicação e difusão de artigos sobre a ginástica na imprensa de Goiás.

Um artigo publicado na revista *A Instrução Pública*, do Rio de Janeiro, que vinculou várias matérias sobre a importância educacional da ginástica entre 1872 e 1888, também foi republicado num jornal de Goiás. De autoria de Alambary Luz, diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, que editava também essa revista, o artigo insistia na importância de uma educação integral, capaz de cuidar, a um só tempo, da mentalidade e musculatura de seus alunos. Para esse autor, a educação física e a intelectual compunham partes “absolutamente inseparáveis”. Conhecedor dos métodos ginásticos de Jahn e Guts Muths, os quais citava, ele recorria a situação militar europeia, as guerras recentes envolvendo Áustria, Prússia e França, como exemplos paradigmáticos da importância de uma educação “viril” e “disciplinada”. Aqui também é a segurança militar do país o principal motivo a justificar urgentes medidas para desenvolver a robustez da população.

Se quisermos, pois, ser respeitados e gozar de tranquilidade é mister educarmo-nos, ou educarmos nossos filhos, de modo que a fortaleza do braço corresponda à retidão do espírito [...] Não será com os hábitos sedentários que a adquirimos e que obrigamos nossos filhos a guardarem nas escolas que havemos de levantar-lhes a energia nem infundir-lhes a coragem cívica. Os nossos costumes, os nossos preconceitos, e mais que tudo, a torpe rotina a todos nós têm infeccionado. Somos herdeiros de uma educação envelhecida.¹²

Hábitos sedentários pareciam-lhe, assim, os principais responsáveis pelo empobrecimento das gerações e decadência das “raças”. Apesar disso, a inclusão da ginástica nas escolas ainda não conhecera efeito prático. Em sua avaliação, nem sequer a Guerra do Paraguai teria animado políticos a cuidar de maneira adequada da educação física dos cidadãos brasileiros. Dessa forma, dizia Alambary Luz, “as gerações passam [...] raquíticas, imbeles, fatigadas, preguiçosas, inimigas do trabalho, extenuadas na indolência”.¹³

Todos esses discursos sobre a ginástica foram produzidos por atores alheios ao contexto goiano; eram geralmente debates promovidos na Corte

¹¹ Sobre o assunto, ver EDLER, F. C.; FREITAS, R. C. O “imperscrutável vínculo”: Corpo e alma na medicina lusitana setecentista. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, p. 435-452, maio/ago. 2013; ABREU, J. L. N. *Nos domínios do corpo: O saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

¹² LUZ, A. A educação physica. *O Publicador Goyano*, Goyaz, 15 out. 1887, n. 138. p. 1.

¹³ *Ibidem*, p. 1.

que chegavam até Goiás. A elite intelectual local, todavia, bastante concatenada com as novidades que desembarcavam nos portos do Rio de Janeiro, o que incluía concepções particulares sobre a ginástica e a educação do corpo, se responsabilizava pelo processo de intermediação cultural entre a modernidade desses novos costumes e as tradições e mentalidades sertanejas do torrão goiano. Nesse sentido, mais que apenas informar ou oferecer notícias, os jornais funcionavam também como instâncias pedagógicas importantes para vinculação de novos ideais e para criação de novos consensos.

Ginástica na Companhia de Aprendizes Militares

As primeiras manifestações práticas para o ensino regular e sistemático de exercícios físicos em Goiás datam do quartel final do século XIX. Em 1874, na esteira das preocupações deflagradas pela Guerra do Paraguai, a Lei n. 2.530, de 09 de setembro daquele ano, autorizou a criação de duas Companhias de Aprendizes Militares em lugares onde não havia Arsenal de Guerra, nomeadamente Minas Gerais e Goiás. Ambas as companhias, que foram formalmente criadas em 1876, através do Decreto n. 6.205, de 03 de junho daquele ano, entraram em funcionamento no ano seguinte, em 1877, ligadas ao Ministério dos Negócios da Guerra.

O objetivo do Quartel de Menores, como também ficou conhecido, era o de recrutar jovens, sobretudo “órfãos”, “indigentes”, “desvalidos”, “abandonados” e “sem amparo de família”, como diziam seus regulamentos, a fim de aumentar os contingentes militares nas imediações das fronteiras internacionais do Brasil. Em Goiás, em todo o período em que esteve ativa, suas instalações funcionaram num prédio particular, na capital do Estado, à Rua do Manoel Gomes. Os relatórios dos Ministros de Guerra do período destacaram reiteradamente as boas condições higiênicas do edifício. No entanto, a inadequação do prédio sob certos aspectos também foi notada mais de uma vez. Em 1886, segundo avaliação de João José de Oliveira Junqueira, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Guerra na ocasião: “Esta companhia funciona em um edifício particular, que não se presta inteiramente ao fim a que se destina”.¹⁴ Antes dele, em 1879, Luiz Augusto Crespo, presidente da província de Goiás, também registrou opinião semelhante em seu relatório anual à Assembleia Legislativa do Estado. Em suas palavras, a Companhia de

¹⁴ JUNQUEIRA, J. J. de O. *Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na primeira sessão da vigésima legislatura pelo ministro e secretario de estado dos negócios da guerra*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1886. p. 23.

Aprendizes Militares, “acha-se mal acomodada em um prédio particular, de dimensões acanhadas e o seu pessoal não está ainda completo, o que seria fácil conseguir pelo grande número de crianças desvalidas que se encontram nas ruas desta capital”. Segundo Augusto Crespo, esta “incapacidade do edifício” teria justificado sua recusa em empregar os meios que ele sugeria serem usualmente utilizados pela política da Corte e de outras províncias para “obter menores”, qual seja, recrutamento compulsório.¹⁵

Essas ponderações sobre a adequação e capacidade do prédio em abrigar as instalações do Quartel de Menores endereçavam-se, na verdade, mais ou menos implicitamente, ao não cumprimento dos seus regulamentos, que previam a instalação de tais companhias em quartéis, e não em edifícios particulares. Mas se o local em que ficaria alojada tal instalação em Goiás era criticado por ser uma propriedade particular, outros aspectos seriam positivamente destacados. Além da boa higiene do edifício, como vimos, o terreno da propriedade, avaliado em oito contos de réis em 1890, também recebeu elogios por estar situado em bom lugar, segundo anotações da Fazenda Nacional, que naquele ano, à título de avaliação, empreendeu uma descrição circunstanciada de nove propriedades ocupadas por instituições do governo. A construção onde funcionava o Quartel de Menores ocupava uma área de 120 metros de frente e 110 de fundo. As casas ali instaladas também eram grandes e arejadas, todas elas “fornadas e calçadas de tijolos”. Apesar disso, tratavam-se de construções antigas, com paredes finas cobertas de taipa, cujo madeiramento, dizia-se, “não está bem conservado”.¹⁶

Extrapolando objetivos meramente militares, a Companhia de Aprendizes Militares, articulada a esforços cada vez mais frequentes para realização de um novo código moral, constituiu-se como mais um instrumento potencial para difusão de valores, crenças e comportamentos, sendo, literalmente, um dispositivo para disseminar um ordenamento ideológico específico.

A população, entretanto, não parece ter sido receptiva a tais intenções. Em regra, havia grande hostilidade popular para com os serviços militares, como o seria, aliás, até anos avançados do século XX.¹⁷ As condições de

¹⁵ CRESPO, L. A. *Relatório apresentado pelo Exmo. Sr. Dr. Luiz Augusto Crespo ao 1 vice presidente, o Exmo. Sr. Dr. Theodoro Rodrigues de Moares, por ocasião de passar-lhe a administração da província, em 11 de janeiro de 1879*. Goiás: Typographia Provincial, 1879. p. 10.

¹⁶ GOIÁS. Museu das Bandeiras. *Documentos Interessantes. Próprios nacionais, Ministério da Fazenda, 1890*. Cidade de Goiás. p. 31-4.

¹⁷ MACCANN, F. D. *Soldados da pátria: História do Exército brasileiro, 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

funcionamento de unidades militares eram precárias o suficiente para afugentar eventuais interessados. Além disso, as humilhações e castigos corporais frequentes só aumentavam a repulsa da população diante das fileiras do Exército. Sintomaticamente, embora o Ministério da Guerra tenha disponibilizado recursos financeiros para até 100 aprendizes em cada uma das duas Companhias, nenhuma delas nunca conseguiu recrutar número tão elevado de jovens em todo o período em que estiveram em funcionamento. Em 1877, a Companhia de Goiás fora frequentada por apenas 53 aprendizes, pouco mais de 50% apenas de sua capacidade máxima.¹⁸ Mesmo quando o número máximo de aprendizes foi reduzido para 40, em 1879, num período de contingenciamento de recursos, vagas ociosas nas instalações das Companhias continuaram frequentes. Em 1881, o relatório anual do Ministro da Guerra manifestava as decepções decorrentes de tal situação: “apesar das vantagens que a manutenção de tais companhias proporcionam aos menores das classes menos abastadas, e aos órfãos principalmente, não são elas procuradas como fora para desejar”.¹⁹ A recusa da população em integrar-se voluntariamente em tais iniciativas, dificultava, ou mesmo impedia, a realização das ambições para as quais elas foram criadas.

Em tais circunstâncias, medidas compulsórias eram uma das maneiras de tentar garantir contingente maior. Se em 1879 o presidente da Província de Goiás dizia não ter empregado os meios que ele sugeria serem usualmente utilizados pela política da Corte e de outras províncias para “obter menores”, dez anos depois a situação não pareceu a mesma. Em 05 de agosto de 1889, Francisco Rufino da Rocha, inspetor do 1º Quarteirão da Freguesia de Sant’Anna, na capital do Estado, endereçava um ofício a Coriolano Augusto de Loiola, chefe de polícia, denunciando o menor Samuel por “continua[r] a fazer desordens com outros menores pela rua”, além de viver “continuamente vagabundando [sem] procura[r] um trabalho honesto”. Segundo o inspetor, Samuel “amanhece e anoitece só fazendo desordem”. Como providência, o chefe de polícia rogou imediata admissão de Samuel na Companhia de Aprendizes Militares.²⁰

¹⁸ OSÓRIO, M. L. *Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na primeira sessão da décima sétima legislatura pelo ministro e secretario de estado dos negócios da guerra*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

¹⁹ DORIA, F. A. de M. *Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na terceira sessão da décima oitava legislatura pelo ministro e secretario de estado dos negócios da guerra*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. p. 24.

²⁰ RABELO, D. *Os excessos do corpo: A normatização dos comportamentos na cidade de Goiás, 1822-1889*. 1997. Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997, p. 86.

Não sabemos se este foi de fato o destino de Samuel, tampouco se eram realmente frequentes condutas assim. A julgar pelos expedientes que o Exército frequentemente utilizava para recrutar contingentes, é possível que medidas compulsórias fossem usuais também para a Companhia de Aprendizes Militares.

Mas o Quartel de Menores não era apenas coerção e controle. Em primeiro lugar, havia o soldo oferecido aos jovens que integrassem a corporação. Além disso, em suas instalações, mais que treinamento militar, promovia-se também oportunidades de educação, o que eventualmente tornava-as atraentes a alguns filhos de famílias pobres, que teriam poucas oportunidades de acessar outros meios de letramento e escolarização. Especificamente, ofereciam-se aulas de primeiras letras, música, instrução militar, ginástica e natação.

No que diz respeito à oferta de atividades de ginástica e natação, que interessam mais diretamente a este artigo, tratava-se de algo até bastante previsível. Nessa época, oficiais do Exército, bem como outros segmentos sociais, já reconheciam a importância de um adequado treinamento físico para formação dos soldados. Já desde o final da década de 1850 e princípios de 1860, os cursos de infantaria e cavalaria da Escola Militar do Exército, bem como o Depósito de Aprendizes Artilheiros da Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro, contavam com aulas de esgrima, ginástica e natação. Em 1870, o Ministro do Império ordenara a tradução e publicação de um guia para o ensino da ginástica nas escolas públicas da Prússia, evidenciando o lugar dessas práticas na agenda de preocupações da época.²¹ Em meados da década de 1880, figuras como o Doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, médico cirurgião do Exército, falavam do papel da ginástica na educação militar, na promoção de hábitos higiênicos ou no melhoramento da “raça”.²²

Na Companhia de Aprendizes Militares, aulas de ginástica, em conformidade com princípios vigentes à época, deveriam se constituir por movimentos de equilíbrio e “exercícios ginásticos acomodados à sua idade e compleição, próprios para desenvolverem lhes as forças e agilidade”, de acordo com o previsto pelos seus regulamentos.²³ Em 1878,

²¹ MARINHO, I. P. *História da educação física no Brasil: Exposição, bibliografia, legislação*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, [s/d].

²² SILVA, C. L. B. da; MELO, V. A. de. Fabricando o soldado, forjando o cidadão: o doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, a Guerra do Paraguai e a educação física no Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 337-353, abr./jun. 2011.

²³ BRASIL. *Coleção de leis do Império*. v. 2. pt. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1876. p. 949.

imediatamente após o início de funcionamento da Companhia em Goiás, o alferes encarregado por seus artigos bélicos já prestava contas do valor “proveniente de objetos para exercício de ginástica fornecido a Companhia de Aprendizes Militares”.²⁴ Em 1880, o seu relatório financeiro mencionava a compra de escápulas, barras de madeira e argolas para cinto de ginástica.²⁵

Os resultados dessas aulas pareciam satisfatórios. Em 1881, relatório do Ministro da Guerra concluía que na Companhia de Goiás, “a instrução teórica e prática é dada aos aprendizes com satisfatório resultado”.²⁶ No ano seguinte, relatório de Filippe Franco de Sá, seu sucessor na pasta, também destacava que os jovens da Companhia experimentavam “algum aproveitamento”. Nos exames do ensino prático de fim do ano, seguia o novo ministro, “desenvolveram-se os aprendizes satisfatoriamente, mostrando nas diferentes manobras e evoluções atividade, firmeza e igualdade nos movimentos”.²⁷

Em Goiás, ao longo do período de funcionamento do Quartel de Menores, três professores se alternaram no desempenho dessas funções. Em 1877, ofício número 164, de setembro daquele ano, nomeava Francisco Domingues Ferreira da Silva professor de ginástica e natação. Ele ocupou o cargo até meados de maio de 1878, quando foi exonerado.²⁸ Nessa ocasião, ofício número 4, datado de maio daquele ano, nomeou Manoel Pereira Cardoso para substituí-lo. O novo professor de ginástica e natação exerceu a função até janeiro de 1879, quando foi substituído por Pio Ferreira da Silva, que a ocupou, provavelmente, até o fim do funcionamento da Companhia, em 1889.²⁹

O cargo de professor de ginástica e natação, bem como o de professor de primeiras letras, mestre de música, enfermeiro, guardas, cozinheiro e serventes, era ocupado por paisanas, isto é, civis contratados com o fito de desenvolver essas funções específicas.³⁰ Apenas o comandante, o instrutor,

²⁴ EXPEDIENTE. *Correio Oficial*, Goyaz, 12 jan. 1878, n. 2. p. 1.

²⁵ GOIÁS. Museu das Bandeiras. *Relatórios e contas correntes semestrais da receita e despesa (1877 a 1884)*. Companhia de Aprendizes Militares, v. 17. Cidade de Goiás.

²⁶ DORIA, op. cit., p. 24.

²⁷ SÁ, F. F. de. *Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na quarta sessão da décima oitava legislatura pelo ministro e secretario de estado dos negócios da guerra*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884, p. 13.

²⁸ OFFICIOS. *Correio Oficial*, Goyaz, 25 mai. 1878, n. 39, p. 1.

²⁹ GOIÁS. Museu das Bandeiras. Companhia de Aprendizes Militares, pessoal. v. 2. Ofício número 107, do Coronel Joaquim da Gama Lobo d’Eça, inspetor dos corpos e estabelecimentos da Companhia de Aprendizes, ordenou que João Baptista da Silva, major graduado e comandante da guarnição, publicasse, na ordem do número 139, um elogio e um agradecimento a uma série de militares pelos serviços prestados. Entre eles, Pio Ferreira da Silva, mestre de gymnastica e natação (COMPANHIA de Aprendizes. *Correio Oficial*, Goyaz, 14 mai. 1887, n. 48, p. 3).

³⁰ GOIÁS. Museu das Bandeiras. *Companhia de Aprendizes Militares, Folhas de pagamento de paisanas, 1877-1889*. v. 4. Cidade de Goiás.

o fiscal, o secretário, o quartel- mestre e o capelão, denominados “cargos especiais”, eram militares em relação direta com o Exército. Em Goiás, especificamente, outros cargos previstos pelo regulamento da Companhia, como o de facultativo e farmacêutico, não parecem ter sido ocupados.³¹ De acordo com disponibilidade orçamentária, o contingente total empregado nas Companhias oscilou ao longo do seu período de funcionamento, aumentando ou diminuindo segundo as condições econômicas dos governos.

No caso do professor de ginástica e natação, o presidente da província era quem deveria indicá-lo. Todos os demais o seriam pelo Comandante da Companhia. Seus vencimentos, fixado pelo regulamento em 500\$000, era igual ao de um mestre de música ou de um enfermeiro, mas inferior a de um professor de primeiras letras (740\$000) e 1/3 do valor pago a um comandante (1:500\$000, acrescidos ainda do seu soldo).³² Em 1887, a remuneração de um professor de ginástica e natação seria suficiente para adquirir 50 assinaturas anuais de algum dos jornais editados na capital de Goiás, que custavam, em geral, 10\$000. Com isso, poder-se-ia também comprar pouco mais de 300 quilos de toucinho, café ou arroz pilado (10\$000, 15 quilos), ou então pagar a mensalidade pela instrução primária particular de 250 alunos (1 aluno custava 2\$000). Era um salário no mínimo razoável, em suma, sobretudo numa sociedade em que a economia de mercado não estava ainda inteiramente disponível. Em Goiás, muitos trabalhadores pobres vendiam sua força de trabalho em troca de moradia, produtos, favores ou proteção, no sistema de organização do trabalho conhecido como “camaradagem”, que predominou na região até o século XX, quando só então foi paulatinamente substituído por uma economia propriamente monetária.

Com a proclamação da República e o predomínio da influência positivista no Exército, que disseminou entre as suas fileiras a crença na paz universal, extinguiu-se o Quartel de Menores e também as aulas de ginástica e natação. Seria preciso esperar até 1917 para a retomada de atividades desse tipo em instituições de ensino formal em Goiás.³³ Na ocasião em que o Quartel de Menores encerrava suas atividades, Leopoldo de Bulhões, iminente político goiano, correu às páginas do jornal *O Publicador Goyano* para lamentar o fim da Companhia. Segundo ele:

ninguém ignora a utilidade de tal instituição: ali encontra o órfão, esse coitadinho desprotegido da fortuna, o conforto para os seus sofrimentos,

³¹ BRASIL. *Coleção de leis do Império*, p. 951.

³² Idem, p. 953.

³³ DIAS, op. cit.

recebendo bom alimento, bom vestuário, o cultivo intelectual necessário, aprende a música, a ginástica de desenvolver o seu físico, tornando-o forte de fraco que era.³⁴

Ainda que as iniciativas posteriores não tenham relações óbvias de continuidade histórica com as experiências do Quartel de Menores, este empreendimento, articulado aos artigos sobre os benefícios da ginástica publicados pela imprensa local, parece mesmo ter ajudado a criar uma ambiência cultural favorável à assimilação de ideias ligadas a um modo particular de promover a instrução física, forjando certo consenso a esse respeito, além de fornecer um modelo geral de atuação nesse sentido. Entre as décadas de 1910 e 1920, quando uma introdução mais efetiva de práticas de esporte ou ginástica nas escolas ou outras instituições se tornou progressivamente mais necessária aos olhos das elites goianas, ou ao menos mais exequível aos recursos que lhes financiavam, os grupos comprometidos com tais ambições já teriam à sua disposição uma espécie de matriz discursiva por meio do qual poderiam organizar estruturas retóricas e esquemas de ação. Nesse sentido, o papel da Companhia de Aprendizes Militares foi decisivo.

Ginástica em outras instituições educacionais de Goiás

O Quartel de Menores não fora o único espaço social em que os exercícios físicos puderam começar a ser difundidos em Goiás. Na relação de livros de 1875 do Gabinete Goiano de Literatura, por exemplo, dois anos antes, portanto, da Companhia de Aprendizes Militares de Goiás entrar em funcionamento, já aparece uma obra como *Erros e preconceitos da Educação Physica*.³⁵ Em 1905, um relatório do secretário de instrução, indústrias, terras e obras públicas de Goiás, elencava os livros da biblioteca do Liceu e da Escola Normal, entre eles, um *Manual de Gymnastica Escolar*.³⁶ O conteúdo, a circulação e o modo de apropriação das ideias contidas ali não sabemos. Mas o fato desses livros estarem presentes naquele contexto já denuncia que parte daquela população poderia acessar e conhecer minimamente os saberes ligados a ginástica e uma nova forma de educação do corpo.

Desde meados do século XIX, alguns poucos residentes de Goiás participavam das transformações que se processavam no pensamento

³⁴ BULHÕES apud BRETAS, G. F. *História da Instrução Pública de Goiás*. Goiânia: Cegraf/UFG, 1991, p. 396-397.

³⁵ Relação dos livros novamente adquiridos para o Gabinete Literario Goyano. *Correio Official*, Goyaz, 27 jan. 1875, n. 6, p. 4.

³⁶ CASTRO, J. A. de. *Relatório apresentado ao Dr. J. Xavier de Almeida pelo bacharel J. Alves de Castro em 21 de abril de 1905*. Goiás: Typographia Perserverança de Pacífico Marques Aranha, 1905, p. 48.

médico-higienista brasileiro. Figuras como Francisco Antônio de Azeredo, por exemplo, partiram de Goiás para o Rio de Janeiro para estudar na Faculdade de Medicina, onde provavelmente puderam acompanhar os debates em torno de teses como a de Manoel Pereira da Silva Ubatuba, sobre a importância da dança, da esgrima, da ginástica e dos jogos infantis para a saúde das crianças, apresentada em 1845, mesmo ano em que Azeredo defendeu sua tese sobre a importância da higiene para hospitais civis.³⁷ É possível que tenham se conhecido, pois, eram contemporâneos afinal. Eventualmente, poderiam mesmo ter entrado em contato mais direto com as ideias um do outro. Mas se isso aconteceu de fato não sabemos.

De todo modo, agentes como Antônio de Azeredo, tal como àquela elite intelectual responsável pela edição de jornais, estavam em condições potenciais de intermediar a circulação de ideias entre Goiás e os “centros civilizados do país”, como se costumava dizer à época. Ao regressarem a Goiás como representantes e membros da elite local, esses novos doutores geralmente assumiam cargos de destaque no governo, em posições políticas de liderança. O próprio Antônio de Azeredo desempenhou a função de primeiro-médico do Hospital Militar durante a Guerra do Paraguai, antes de se tornar professor de retórica e poética do Liceu de Goiás.³⁸

Outras instituições de educação formal também manifestaram intenções de colocar em prática o ensino regular de ginástica como estratégia pedagógica para a promoção de um modo particular de educação do corpo. Em 1892, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, bispo de Goiás na ocasião, teria introduzido o ensino da ginástica na escola do Instituto Episcopal, “um melhoramento ainda desconhecido em idênticas instituições do Estado”, segundo dizia notícia publicada pelo jornal *Estado de Goyaz*, politicamente aliado à Igreja Católica, tentando claramente supervalorizar a iniciativa. Tais aulas, segundo a mesma notícia, seriam ministradas por Remigio Bardy, “ex-oficial do exército francês e engenheiro geógrafo das campanhas da Tunísia e do Tonquim”.³⁹

Nessa época, o Seminário de Santa Cruz, inaugurado em meados de 1870, foi reorganizado: alunos do externato, conhecido, precisamente, como

³⁷ Sobre as teses da Faculdade de Medicina relacionadas à ginástica, ver GONDRA, J. G. Artes de civilizar: Medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

³⁸ MAGALHÃES, S. M. de. Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: Assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 661-683, set./dez. 2004.

³⁹ GYMNASTICA Escholar. *Estado de Goyaz*, Goyaz, 12 mar. 1892, n. 41, p. 3.

Instituto Episcopal, foram separados dos alunos do internato, destinados aos estudos eclesiais e recolhidos, desde então, no convento Nossa Senhora do Rosário. Até o momento, não localizamos evidências documentais que confirmem a presença efetiva da ginástica no Instituto Episcopal. É possível que a iniciativa tenha sido apenas uma intenção não realizada, tal como inúmeras outras que afetaram Goiás no período. Documentos relativos à instituição do acervo do Museu das Bandeiras remetem apenas às décadas de 1860 e 1870, sem informações, portanto, do período em que foi anunciada a contratação de um professor de ginástica.⁴⁰ Com a ginástica efetivada ou não, em 1896 o Instituto Episcopal deixou de funcionar em Goiás. D. Eduardo Duarte Silva, responsável pelo bispado à época, transferiu todos os órgãos da sede da Diocese para Uberaba, em função de inúmeros conflitos políticos.⁴¹

No fim daquele século, talvez como resultado dessa pequena mobilização ao redor da importância militar, pedagógica e higiênica da ginástica, em 13 de agosto de 1898, durante o governo de Urbano Coelho de Gouvêa, foi apresentado ao Congresso Estadual de Goiás uma lei reformando o ensino primário do Estado (Lei n. 186). Em 27 de janeiro de 1900, esta lei foi regulamentada através do Decreto 611, que entre outras providências, criou um novo regulamento para o Liceu de Goiás. Entre as alterações formuladas por este decreto, estava a prescrição do recreio como espaço a ser destinado aos exercícios físicos, compreendendo “marchas”, “ginástica moderada” e “cantos patrióticos”.⁴²

Também nesse caso, todavia, não há evidências documentais de que tais intenções tenham se realizado de fato. Apenas em 1917, como vimos, o ensino de ginástica começaria finalmente a ser oferecido em escolas de Goiás.⁴³ No século XIX, tratava-se apenas de um conjunto de ambições, pois excetuando-se as aulas de ginástica e natação da Companhia de Aprendizes Militares, nenhuma outra proposta nesse sentido se efetivou. Parecia faltar condições objetivas para isso: espaços, equipamentos, professores e sobretudo recursos financeiros. Não por acaso, essa situação se repetiu em várias outras iniciativas. A instalação da Academia de Direito, por exemplo, prevista na reforma educacional de 1898, esbarrava na crônica falta de candidatos

⁴⁰ GOIÁS. Museu das Bandeiras. *Fundo Culto Público do Império, particularmente, Assentamento de Professores, 1879-1880; Obras no Seminário Episcopal, 1864; e Pagamento de Professores, 1873*. Cidade de Goiás.

⁴¹ SILVA, J. T. da F. *Lugares e pessoas: Subsídios eclesiais para a história de Goiás*. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

⁴² BRETAS, op. cit., p. 449.

⁴³ DIAS, op. cit.

com certificados que os habilitassem a ingressar no estabelecimento. Aulas de italiano, desenho, ciências físicas e naturais no Liceu, do mesmo modo, previstas pelos novos regulamentos da instituição, também não se realizavam por simples falta de professores. Tal como bem definiu Bretas, “tudo ficou na vontade ou no papel como letra morta”.⁴⁴

Ginástica no circo

Se os esforços para introdução da prática de uma ginástica racional e metódica, conformada a expectativas educativas bem definidas, tiveram alcance limitado em Goiás nessa época, outras iniciativas ainda ligadas a esta prática, mas com sentidos diferentes, lograram alcançar inserção social mais expressiva. Por meio das apresentações circenses, que não raro incluíam técnicas de ginástica, esse novo saber pôde apresentar-se à população goiana. A exibição dessas companhias fora seguramente um importante mecanismo para difusão desses novos saberes corporais, pois involuntariamente os circos e companhias teatrais concorreram para a disseminação de valores relacionados à destreza física, ao domínio do corpo e a superação dos seus próprios limites, aspectos tão caros à formação de uma nova estrutura de sentimentos que marcaria profundamente toda a organização social dali em diante, paradigmaticamente immortalizada no lema adotado pelo movimento olímpico no princípio do século XX: *citius, altius, fortius*.⁴⁵ O circo, afinal, ao expor a execução de exercícios ginásticos, acabava por destacar a destreza, a força, a habilidade e o vigor corporal como valores em si mesmos.

Sob este aspecto, inclusive, a ginástica do circo desafiou ao mesmo tempo em que se aproximou de valores sociais hegemônicos, enquadrados por uma racionalidade normativa, realmente estranha ao universo circense em geral, cujo fundamento radicava-se mais na espontaneidade criativa, na fantasia e até no grotesco. Por um lado, os corpos exibidos nos picadeiros ostentavam uma gestualidade particular, distante de preocupações de eficiência, saúde ou correção ortopédica. Por outro, notava-se também aspectos que fortaleciam valores compatíveis com os elementos gerais da nova ordem social em construção, como a aventura, o desafio e sobretudo a busca incessante pela superação dos próprios limites através do treinamento

⁴⁴ BRETAS, op. cit.

⁴⁵ Sobre as relações entre exercício físico, “olimpismo” e os ideais de uma nova sociedade em formação ou ascensão, ver EICHBERG, H. Forward race and the laughter of Pygmies: On Olympic sports. In: MIKULÁŠ, T.; PORTER, R. (Eds.). *Fin de siècle and its legacy*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1990, p. 98-114.

constante.⁴⁶ Assim, ao invés de uma oposição binária e maniqueísta, a ginástica do circo parece ter estabelecido uma relação tensa e complexa com todos esses aspectos.

A evidência mais antiga de que dispomos até agora sobre circos em Goiás, data de 1866, quando a companhia do Sr. Thomaz Ferreira, “à pedido de diversas pessoas”, promoveu a apresentação de alguns exercícios ginásticos no Teatro São Joaquim, como parte das atividades do carnaval daquele ano.⁴⁷ Daí em diante, iniciativas desse tipo parecem ter estado regularmente presentes no cotidiano goiano.

Em 1873, a imprensa goiana anunciava a instalação da Companhia Equestre Ginástica dos Irmãos Gonzales, “composta de artistas mineiros”, no pátio do mercado da capital.⁴⁸ Indício do crescimento da importância que tais iniciativas adquiriam no contexto goiano é a frequência com que o chefe de polícia enviava soldados para manutenção e controle da ordem pública durante apresentações de companhias desse tipo, como aconteceu durante as apresentações do Circo Olympico e do Circo Olympico-Columbiano, em 1874 e 1875, respectivamente.⁴⁹ O procedimento integrava esforços que se desenvolviam em Goiás e em outras partes para reformar costumes e comportamentos. Nessa época, testemunhava-se a intensificação das tentativas de repressão de hábitos ociosos e para promoção da disciplina do trabalho, notadamente a partir da década de 1870. Tanto que regulamentos policiais e códigos de comportamentos publicados a partir de 1877 se ocupavam cada vez mais em regular, entre outras coisas, jogos e divertimentos públicos, incluindo apresentações circenses. Ao longo da década de 1870, códigos de posturas de várias Câmaras Municipais de Goiás regularam, em termos sempre muito semelhantes, se não idênticos, espetáculos e divertimentos públicos em geral. Além de tentar evitar o que se julgava ofensivo a moral e aos bons costumes, essas posturas fixavam a necessidade da solicitação de licença das autoridades municipais, bem como pagamentos de taxas e impostos.

Do ponto de vista propriamente moral, eram variados os comportamentos transformados em objeto de vigilância: caça, porte de armas, jogos

⁴⁶ Ver DUARTE, R. H. *Noites circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. 1993. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993, capítulo 3, p. 213-307.

⁴⁷ CARNAVAL. *Correio Oficial*, Goyaz, 10 fev. 1866, n. 116, p. 4.

⁴⁸ COMPANHIA Equestre gymnastica dos irmãos Gonzalves. *Correio Oficial*, Goyaz, 18 out. 1873, n. 494, p. 4.

⁴⁹ DIA 30. *Correio Oficial*, Goyaz, 17 jan. 1874, n. 2. p. 2; EXPEDIENTE. *Correio Oficial*, Goyaz, 09 jun. 1875, n. 41, p. 2.

de azar, uso de máscaras sem licença, reuniões em casa de qualquer cidadão para divertimentos lícitos particulares, tratamento dispensado a animais, salva de tiros em festividades públicas, danças julgadas indecentes, lavagem de animais em águas que servissem a população, esmolas fora do calendário festivo religioso, uso de busca-pés ou outros fogos de artifício.

Essas transformações nos mecanismos de regulação moral da população não só evidenciavam o aumento das preocupações das elites com o controle sobre os costumes populares, como também o crescimento na dinamização de um mercado do entretenimento. No quartel final do século XIX, algumas regiões de Goiás, sobretudo sua capital, experimentaram alguma efervescência nesse sentido, decorrente, entre outras coisas, do aumento dos espaços de sociabilidade pública. Segundo cálculos do cônego Luís Antônio da Silva e Souza, que visitou Goiás em 1832, nessa época contava-se em todo o Estado, que tinha população total não superior a 70 mil habitantes (sendo 14 mil na capital), aproximadamente 24 lojas de secos e molhados, além de 100 cabarés.⁵⁰ Já em 1886, segundo estimativas de A. J. Costa Brandão, apenas a Cidade de Goiás, capital do Estado, somava mais de 50 tavernas, mais de 20 armazéns, 2 bilhares, além de 30 negociantes de fazendas, ferragens e molhados.⁵¹

Com efeito, a partir da década de 1880, a promoção de diversões públicas como àquelas promovidas pelas companhias de ginástica se tornaram cada vez mais frequentes. Circo Olympico, Companhia de Ginástica Luso-Brasileira, Companhia de Ginástica Monteiro de Sá ou Companhia Equestre Cabral são algumas das que se têm notícia em Goiás nessa época, chegando a ocorrer a presença de duas companhias simultaneamente na capital.⁵²

Geralmente, espetáculos de tais companhias incluíam seis ou sete atos, cujas propagandas costumavam apelar para uma dimensão “interessante”, “arriscada”, “difícil” ou “importante”. Basicamente, seguiam a fórmula de combinar elementos do teatro, do circo e da ginástica. Na capital de Goiás, usando o palco ou o tablado, o teatro ou o pátio do mercado eram os dois principais locais ocupados por tais companhias. Notícias sobre as apresentações, por sua vez, quase sempre as enfatizavam muito positivamente, como noites de diversão que agradavam a todos. Sobre as apresentações da

⁵⁰ SOUZA, L. A. da S. *Memória estatística da província de Goyaz*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1832.

⁵¹ BRANDÃO, A. J. *Almanach da província de Goyaz (para o anno de 1886)*. Goiânia: Ed. da UFG, 1978, p. 112-117.

⁵² DISTURBIOS em Anicuns. *O Publicador Goyano*, Goyaz, 23 jun. 1888, n. 174. p. 4; COMPANHIA de Gymnastica. *Goyaz*, Goyaz, 18 dez. 1892, n. 376. p. 4; COMPANHIA de Gymnastica Luso-Brasileira em Goyas. *Goyaz*, Goyaz, 03 nov. 1888, n. 163, p. 4; GOYAZ, Goyaz, 02 dez. 1892, n. 874, p. 3.

Companhia de Ginástica Luso-Brasileira, por exemplo, dirigida pelo “consumado artista Sr. Antônio Monteiro de Sá”, o jornal *Goyaz* registrava em dezembro de 1892: “O espetáculo da noite de 12 esteve muito concorrido e correu perfeitamente bem; exibindo os artistas com muita correção as suas habilidades. O palhaço é impagável”.⁵³ De acordo com a natureza do espetáculo, pantomima, mágica ou exibições de animais, tais como ursos e macacos, poderiam integrar também as atrações.

Apesar das repercussões geralmente positivas, distúrbios também podiam se manifestar. Por vezes, famílias se retiravam durante apresentações, “para não se verem obrigadas a ouvir imoralidades que eram ditas pelo palhaço”.⁵⁴ De maneira mais grave, em junho de 1888, em meio a um “divertimento de mágica” em Anicuns, pequeno povoado situado a 12 léguas da capital, um senhor de nome José Clemente de Oliveira, “estando algum tanto alcoolizado”, segundo noticiaram jornais da época, desentendeu-se com alguém e acabou sendo expulso da casa em que se realizava o espetáculo.⁵⁵ Pouco depois, todavia, José Clemente regressou ao local, agora armado de garrucha e acompanhado por três capangas. Tentativas para barrar-lhe iniciaram a confusão. Já ali, José Clemente recebeu uma facada, o que não lhe deteve, porém: arrombou a porta, mas já não encontrou ninguém, pois todos haviam fugido pelos fundos, exceto um menino de aproximadamente 10 anos, que acabou morto com três tiros.⁵⁶

De maneira menos sangrenta, em janeiro de 1893, uma companhia equestre que se apresentava na capital foi acusada de maltratar uma menina empregada em suas apresentações. A situação teria indignado a população, que tomara conhecimento do fato: “Por essa ocasião, ia havendo sério conflito entre o ensaiador e o povo que estacionava no pátio do mercado, por querer este apaziguar a cólera de quem maltratava a criança”.⁵⁷ Numa apresentação dias depois, dessa vez no teatro São Joaquim, novo incidente acirraria os ânimos dos espectadores. A situação “débil” e “esquelética” do pequeno trapezista Quinô teria sido o móvel da revolta popular. Segundo se lê no jornal *O Estado de Goyaz*:

Por ocasião de executar um trabalho de trapézio, o pequeno Quinô, débil criança de magreza esquelética, e que apenas conta 12 anos de idade, revelava

⁵³ COMPANHIA de Gymnastica. *Goyaz*, Goyaz, 18 dez. 1892, n. 376, p. 4.

⁵⁴ ESTADO DE GOYAZ, *Goyaz*, 15 jan. 1893, n. 80, p. 2.

⁵⁵ DISTURBIOS em Anicuns. *O Publicador Goyano*, op. cit., p. 4.

⁵⁶ BARBARIDADE. *Goyaz*, Goyaz, 29 jun. 1888, n. 145, p. 2.

⁵⁷ MAUS Tractos. *Estado de Goyaz*, Goyaz, 11 jan. 1893, n. 79, p. 3.

uma tal escassez de forças que só com grandes dificuldades conseguiu galgar por meio de uma corda a barra do trapézio, onde só à custa de visíveis sacrifícios conseguiu fazer as evoluções que lhe foram ordenadas. O fato começou a revoltar o público e desde logo apareceram os primeiros sinais de indignação.⁵⁸

Ao fim da apresentação, o Sr. Cabral, proprietário da companhia, teria batido na criança “grosseiramente” e “à vista do público”. Era o que faltava para deflagrar-se a confusão. Pessoas da galeria decidiram então arrancar o menino do proprietário da companhia: “Na mesma hora o espetáculo tornou-se tumultuoso e foi invadido o proscênio por distintos cidadãos que exigiam que o Sr. Cabral lhes entregasse o jovem Quinô”. Na sequência, o subdelegado do distrito e o chefe de polícia apareceram e conduziram a criança até a casa do juiz de direito, “acompanhados por grande multidão de povo que levantava vivas aos cidadãos que tomaram a iniciativa da ideia”.⁵⁹ No fim, as crianças foram deixadas sob cuidados das irmãs de caridade e dos padres do Instituto Episcopal.⁶⁰

Ocasões como essas acabavam por justificar os impulsos de normatização das diversões públicas que afetava as elites do período, servindo de pretexto para o recrudescimento das tentativas de controle das diversões populares. Por ocasião da confusão no espetáculo da Companhia Cabral, envolvendo o pequeno trapezista Quinô, um cronista anônimo aproveitou para reforçar a necessidade da vigilância sobre divertimentos públicos em seus escritos nas páginas do jornal *Estado de Goyaz*. Segundo ele: “A polícia deve assistir aos espetáculos públicos a fim de coibir quaisquer excessos, quer da parte dos atores, quer da de qualquer outra pessoa”.⁶¹

Mas não era apenas moralismo que justificava preocupações com o controle das diversões. Havia, em primeiro lugar, interesses financeiros envolvidos, pois tratava-se já de um mercado razoável, especialmente para um Estado tão desprovido de recursos, como o era Goiás nessa época. Em 1883, um espetáculo do Circo Olympico, cujas entradas, nessa época, custavam em média 1\$000, podia comercializar 260 ingressos ou mais, lucrando até 43\$000.⁶² Já se tratava, enfim, de uma cadeia produtiva relativamente

⁵⁸ COMPANHIA Cabral. *Estado de Goyaz*, Goyaz, 20 jan. 1893, n. 81, p. 3.

⁵⁹ *Idem*, p. 3.

⁶⁰ CIRCO gymnastico. *Goyaz*, Goyaz, 27 jan. 1893, n. 382, p. 4.

⁶¹ ESTADO DE GOYAZ, Goyaz, 15 jan. 1893, n. 80, p. 2.

⁶² CIRCO Olympico. *Correio Oficial*, Goyaz, 05 maio 1883, n. 18. p. 4; EXPEDIENTE da presidência. *Correio Oficial*, Goyaz, 02 jun. 1883, n. 22. p. 1; NOTICIÁRIO. *Correio Oficial*, Goyaz, 09 jun. 1883, n. 23. p. 2-3. Para o preço do ingresso, ver GOYAZ, Goyaz, 03 nov. 1888, n. 163, p. 4.

expressiva. Apenas com a contratação de alguns serviços necessários para viabilização do espetáculo, o Circo Olympico gastava 13\$400: 6\$400 com luzes, 2\$000 de aluguel de tábuas do circo e 5\$000 de salário do palhaço.⁶³

Não por acaso, os inúmeros códigos de posturas publicados no período fixavam com precisão valores dos impostos a serem pagos para cada gênero de espetáculo ou divertimento público. Em caso de espetáculos oferecidos gratuitamente ao povo nas ruas e praças, segundo termos comumente usados, o empresário ou festeiro deveria pagar à municipalidade taxas que oscilavam de 2\$000 a 4\$00 réis por cada dia ou noite de espetáculo. Aqueles que fossem organizados mediante qualquer pagamento do público, deveriam ser taxados em valores que oscilavam de 4\$000 a 5\$000 réis. A realização de iniciativas desse tipo sem consentimento ou autorização prévia também deveriam incidir em multas – o que pode ser visto como um expediente para o controle moral, mas também fiscal dessas diversões.⁶⁴

Considerações finais

Por estranho que pareça a um observador dos dias de hoje, no século XIX apresentações de circo também compunham o universo da ginástica. Naquela sociedade, mágicos, malabaristas, ginastas e trapezistas não perenciam a universos antinômicos. Apenas no século seguinte uma separação mais radical e bem definida entre essas diferentes maneiras de conceber, praticar ou assistir aos espetáculos ou apresentações de ginástica se estabeleceria paulatinamente. Daí em diante, prevaleceria de maneira quase absoluta a compreensão desta prática como um instrumento sanitário, em detrimento dos seus aspectos circenses, que seriam banidos para outra esfera social. No século XIX, todavia, essas diferentes dimensões de circo, teatro e ginástica estavam confusamente intrincadas. Mais que isso, de diferentes formas, todas essas práticas também eram apreendidas como instrumentos potencialmente educativos, “verdadeiros portentos na arte da educação física”.⁶⁵

⁶³ CORREIO OFFICIAL, Goyaz, 09 jun. 1883, n. 23, p. 3.

⁶⁴ Para Vila de Jaraguá, ver RESOLUÇÃO n. 118, de 23 de julho de 1873. *Correio Oficial*, Goyaz, 13 set. 1873, n. 489, p. 2. Para Vila do Corumbá, ver ASSEMBLEIA provincial. *Correio Oficial*, Goyaz, 08 nov. 1876, n. 86, p. 3. Para Vila da Posse, ver RESOLUÇÃO n. 136, de 26 de junho de 1876. *Correio Oficial*, Goyaz, 2 ago. 1876, n. 59, p. 1. Para Entre-Rios, ver RESOLUÇÃO n. 139, de 09 de agosto de 1876. *Correio Oficial*, Goyaz, 1ª nov. 1876, n. 84, p. 1.

⁶⁵ SILVA, E. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, A.; MELO, V. (Orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 125-152.

A realização dessa diferenciação é em larga medida o resultado de um processo de desqualificação cultural dessas ecléticas linguagens, ao mesmo tempo em que expressa a valorização da ginástica como elemento de robustecimento do corpo, em detrimento de outros aspectos e dimensões, como o entretenimento e a diversão. O historiador, todavia, ao estudar a ginástica não pode incorporar acriticamente o modo de percepção que acabou por se impor ao longo dos anos. De outro modo, é imprescindível contextualizar os acontecimentos e concepções de acordo com as categorias de inteligibilidade próprias às épocas. Afinal, as ginásticas como quaisquer outras práticas culturais, são também objetos de disputas e produtos de um desenvolvimento histórico particular.

Artigo recebido para publicação em 16/06/2014

Artigo aprovado para publicação em 04/09/2014